

USO DE METODOLOGIAS ATIVAS PARA RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO PÓS-PANDEMIA

Jéssica Larissa Pais dos Santos (UEL)

Vitória Calderone Ferreira (UEL)

Franciela da Silva Zamariam (C. E. Newton Guimarães)

RESUMO: Este artigo busca expor a importância da aplicação de metodologias ativas no ensino de Língua Portuguesa em sala de aula, com foco em turmas advindas do cenário de pandemia da Covid-19, saídas do Ensino Fundamental 1 para o Fundamental 2. Ao longo deste trabalho, serão utilizadas as experiências e observações das alunas Jéssica Larissa Pais dos Santos e Vitória Calderone Ferreira, durante o decorrer da residência no Colégio Newton Guimarães, acompanhadas pela professora Franciela Zamariam. O período experienciado e relatado aconteceu em turmas do 9º ano e no ateliê literário para os alunos do NAS. Dessa forma, será apresentado o uso de Metodologias tanto no ensino geral da Língua Portuguesa quanto, especificamente, no ensino da gramática como modo de aprimorar o ensino-aprendizagem nas classes.

PALAVRAS-CHAVE: covid-19; metodologias; gramática.

A pandemia de covid-19 deixou consequências que ainda não puderam ser mapeadas. Na educação não foi diferente. Ao longo de aulas ministradas em turmas do 9º ano de uma escola pública de Londrina, em 2023, os estudantes mostraram dificuldades em diferentes áreas, que foram observadas já no início do ano letivo pelas estagiárias e pela professora regente de Língua Portuguesa. Tais dificuldades, por meio da aplicação de metodologias ativas, puderam ser notadas tanto na aprendizagem em si, quanto na sociabilidade, nos comportamentos associados aos estudos, bem como na compreensão de textos instrucionais simples e dos comandos das atividades. Como exemplo disso, pode-se apontar a proposta de elaboração de releituras de poemas da autora Carolina Maria de Jesus, cuja escolha deveria ser feita a partir de textos previamente selecionados pela professora. A atividade incluía a leitura e a retextualização do poema, de modo a transpor o leitor para o papel de sujeito de sua escrita, além de decorar a folha de produção textual como uma casa de favela, remetendo às origens de Carolina, para compor um mural de divulgação na escola. Contudo, durante o processo de criação, sempre orientado, notou-se o apagamento desses sujeitos e a resistência a colocar-se no texto, ao mesmo tempo que poucos solicitaram

esclarecimentos, mesmo que não tivessem entendido o gênero releitura, trabalhado anteriormente. Diversos alunos fizeram paráfrases distanciadas dos poemas de Carolina, sem conexão com suas realidades.

Em uma segunda atividade aplicada às mesmas turmas, a qual nomeamos “Pedalada literária” - foi realizada em parceria com o componente de Educação Física -, os estudantes foram convidados a escolherem um conto clássico de uma lista de sugestões e a realizarem suas leituras, anotando os pontos que lhes despertassem interesse e os impactassem, seja positiva ou negativamente. Houve, no momento do planejamento, a intenção de que os alunos que fossem de bicicleta a enfeitassem com elementos interpretativos do conto lido, e os que fossem a pé, por não a ter, se caracterizassem conforme sua interpretação do texto literário. Todavia, no momento da prática, observou-se que muitos alunos deixaram de produzir as caracterizações solicitadas.

Após o cumprimento do trajeto, realizou-se um piquenique em uma área verde da cidade, onde programamos o compartilhamento das leituras, para o que os alunos foram separados em cinco grupos de até dez pessoas. No entanto, durante a dinâmica, pode-se notar que mesmo que alguns alunos conseguissem contar bem os acontecimentos das obras, muitos deles sabiam apenas superficialmente narrá-las, e pareciam ter lido apenas resumos ou sequer isso, não conseguindo concluir a proposta.

A partir do que se observou nessas duas ocasiões, traçamos um paralelo entre essa dificuldade dos alunos e os problemas que a pandemia infligiu à Educação. Segundo Dias e Ramos (2022), com base nos resultados do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), a partir do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), constatou-se que, por conta do ensino remoto emergencial no período pandêmico, houve prejuízos inúmeros, principalmente para o Ensino Fundamental, havendo uma queda dos índices educacionais apresentados em 2019, impactando majoritariamente estudantes do 9º ano, que saíram do Fundamental 1 para Fundamental 2 durante esse período. A necessidade de uma adaptação rápida que utilizasse as tecnologias digitais impulsionou uma mudança não planejada na estrutura de ensino das instituições de nível básico, para a implementação da educação a distância, o que acabou prejudicando o aprendizado dos estudantes, entre outros motivos, que passam também pela saúde e família.

Com essa constatação, fez-se necessário pensar atividades e dinâmicas que atuassem

na recomposição da aprendizagem dos estudantes e os ajudassem em sua socialização. Assim, após alguns estudos, surgiu a ideia da realização de uma prática chamada “Escape Room”, um jogo de enigmas contendo comandos de interpretação textual, elementos da literatura clássica, além de lógica e conhecimentos de mundo. A atividade foi preparada com instruções bem definidas a serem seguidas para que no fim, uma chave fosse encontrada e eles fossem liberados da sala onde estariam “presos”.

Ao longo da realização do “Escape Room”, pôde ser observado pelas estagiárias a divisão da sala em dois grupos, um que tentou seguir as instruções e participar do jogo, e outro que apenas tentou burlar as regras e encontrar a chave sem segui-las, prejudicando a diversão e o aprendizado dos colegas. Ao final, os estudantes tiveram um momento de autoavaliação, quando perceberam que a atividade foi prejudicada por não terem seguido os comandos previamente dados e os que se apresentaram ao longo do jogo, então pediram por uma nova realização, o que lhes foi concedido. A prática, no geral, foi positiva, pois propiciou a tomada de consciência dos próprios alunos, os quais identificaram o problema e demonstraram a intenção de melhorá-lo.

Outra ação pedagógica importante para o amadurecimento discente foi a de produção de podcasts. Inicialmente, foi-lhes apresentado o gênero por meio de dois exemplos, um vídeo do Youtube e um áudio do Spotify, deixando clara a estrutura básica, mais ou menos estável, e as características essenciais do podcast. Ao final da aula, foi pedido para que a turma se dividisse em equipes para a produção, primeiro, de seu roteiro, depois do próprio vídeo ou áudio, tudo com base nos critérios de avaliação listados. Registramos no quadro o passo a passo que deveriam seguir, estabelecendo como tema os livros que estivessem lendo nas aulas de Redação e Leitura.

Durante a construção do roteiro, muitos grupos se mostraram mais abertos à busca pelo esclarecimento das dúvidas e à interação com as estagiárias. Os resultados tiveram um avanço significativo nessa atividade, dado que a maioria das equipes não só entregou, como seguiu as instruções, além de muitos deles terem escolhido fazer vídeos, não só áudios. Isso demonstrou maior desenvoltura e autoconfiança dos estudantes.

Com as práticas descritas, pudemos observar o que Berbel apontou em “*As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes*”:

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras. (Berbel, 2011, p. 28).

Esse engajamento e senso de pertencimento foram despertados com mais força no segundo semestre no meio discente, quando implementamos nas aulas uma sequência didática, focada no tema tratado a partir da entrevista com um neurocientista, que a professora levou-lhes para a leitura: os malefícios do uso abusivo das tecnologias digitais. Cabe ressaltar que essa temática surgiu da preocupação com as aplicações equivocadas que os estudantes faziam do aparelho celular, em momentos inapropriados e amiúde. Todos os gêneros textuais - não seus temas nem a sequência -, cujos textos foram propostos, constavam no currículo, sendo que foram reorganizados para atender à demanda da turma.

Nesse sentido, começamos com algumas aulas sobre o texto didático-científico “Como o algoritmo do TikTok impacta nossa saúde mental, segundo estudo” (Galileu, 2023), separando a turma em duplas, após a leitura, e distribuindo aleatoriamente perguntas sobre o texto e, do outro lado da sala, as respostas. O objetivo era que a turma dialogasse sobre o assunto lido e cada um encontrasse o par correspondente. Por fim, todos leram suas perguntas e responderam-nas, com base no que lhes foi dado e no aprofundamento que fizeram por meio da discussão com o colega, gerando um debate não só sobre a estrutura do texto didático-científico, mas primordialmente sobre as informações relevantes apreendidas por meio da leitura, como as estratégias usadas pelas grandes empresas de tecnologias para provocar dependência e perpetuar seus usos.

Essa temática foi mantida nas aulas seguintes, ministradas pelas outras estagiárias, a sobre os seguintes gêneros: 1. a notícia e a reportagem, que focaram em acontecimentos e pesquisas relacionados aos usos de celulares nas escolas da Europa; 2. a enquete, que foi diferenciada da metodologia científica, produzida em sala, com perguntas autorais, e aplicada na escola, de modo que os alunos pudessem investigar por si como se dá a relação dos jovens, seus colegas, com as tecnologias digitais; e 3. o infográfico, cuja produção ocorreu a partir dos dados coletados por meio da enquete. Todos os textos escritos, dos gêneros mencionados, tiveram a leitura como atividade basilar.

Uma vez constatado o problema, os estudantes receberam a proposta para criarem cartazes de campanha de conscientização, cujo objetivo foi alertar o corpo discente do colégio sobre os riscos à saúde física e mental do uso abusivo das tecnologias, retomando ainda conteúdos específicos trabalhados em aula, como as figuras de linguagem, a relação entre texto verbal e não verbal e o modo imperativo dos verbos, sendo elementos importantes à comunicação. Essa atividade mostrou-se eficaz na aprendizagem de diferentes conteúdos e competências. A oralidade também foi trabalhada, uma vez que, no fim da sequência, todos apresentaram para a sala seus cartazes (antes da afixação), como haviam feito com os resultados de seus infográficos, exercitando a expressão oral e seus componentes extralinguísticos.

A última prática revelou-se frutífera em mais um quesito: a turma entregou cartazes criativos e bem elaborados, seguindo corretamente as instruções, o que demonstrou o crescimento que a turma teve, comparando-se com o início do ano.

A partir de uma maior interação do aluno no processo de construção do próprio conhecimento, que, conforme explicitado anteriormente, é a principal característica de uma abordagem por metodologias ativas de ensino, o aprendiz passa a ter mais controle e participação efetiva na sala de aula, já que exige dele ações e construções mentais variadas, tais como: leitura, pesquisa, comparação, observação, imaginação, obtenção e organização dos dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificação, interpretação, crítica, busca de suposições, construção de sínteses e aplicação de fatos e princípios a novas situações, planejamento de projetos e pesquisas, análise e tomadas de decisões (Souza; Iglesias; Pazin-Filho, 2014).

Conforme dito pelos autores Souza, Iglesias e Pazin Filho, as metodologias ativas trazem essa autonomia e percepção própria por parte dos estudantes, evidenciando o desenvolvimento destes perante as novas dinâmicas propostas, com o professor auxiliando no processo, deixando com que eles descubram as respostas por conta própria.

É possível perceber, ao longo deste trabalho, a relevância de metodologias que promovam o engajamento dos estudantes, mas também a importância da leitura de textos reais e integrais em sala de aula, pensando o ensino muito além da pontuação de tópicos linguísticos e do uso de exemplos isolados. Lidar com as regras gramaticais e outros aprendizados indissociavelmente da leitura e das situações reais, com objetivos muito além de apenas decorar um conteúdo, mas verdadeiramente aprendendo a aplicá-los em benefício

próprio e de seu entorno, propiciou aos alunos uma aprendizagem significativa para suas vidas. É preciso valorizar, em sala de aula, o sentido de mundo apreendido pelos estudantes, como enfatiza Lajolo: “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (Lajolo, 1993, p. 15). Assim, todas as metodologias empregadas ao longo da realização do estágio, no ano de 2023, foram pensadas sempre com vistas à aprendizagem, defasada em decorrência da pandemia, mas tendo o texto como foco, logramos a aquisição de saberes essenciais à progressão escolar e às experiências dos estudantes.

Com isso, concluímos que as atividades diversificadas, aplicadas por intermédio das metodologias ativas, com foco nas dificuldades dos alunos, possibilitaram significativa contribuição para a construção do conhecimento em sala. Tal abordagem favoreceu a ampliação do repertório discente, pela pesquisa e reconhecimento de fontes relevantes de informações confiáveis, e facilitou o desenvolvimento da compreensão de textos, ao ir além da estrutura dos gêneros e auxiliar os alunos a alcançar o entendimento dos comandos das atividades. Finalmente, galgamos também a integração da universidade com a escola, pelo estágio, envolvendo ainda a comunidade escolar com os novos conhecimentos adquiridos e, conseqüentemente, trazendo importantes resultados para a Educação.

REFERÊNCIAS

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DIAS, Érika. RAMOS; Mozart Neves, A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.30, n.117, p. 859-870, out./dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/LTWGK6r8n6LSPPLRjvFL9qs/?format=pdf>. Acesso em: 11 fev. 2024.

DIESEL, Aline. BALDEZ, Alda Leila S. MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, RS, v.14 n.1, p. 268-288, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4650060/mod_resource/content/1/404-1658-1-PB%20%281%29.pdf. Acesso em: 11 fev 2024.

FREITAS, Lessandro de. EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA: OS IMPACTOS DA COVID - 19 SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. *Revista Epistemologia e Práxis*

Educativa - EPEduc, Piauí, v.06, n.02, p. 1-16, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/4055/3788>. Acesso em: 12 feb 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora. 1989. p. 11-12.

GALILEU, Redação. Como o algoritmo do TikTok impacta nossa saúde mental, segundo estudo. In: **Revista Galileu**. 01 mai 2023. Disponível em:
<https://revistagalileu.globo.com/sociedade/comportamento/noticia/2023/05/como-o-algoritmo-do-tiktok-impacta-nossa-saude-mental-segundo-estudo.ghtml>. Acesso em: 01 out 2023.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo (SP): Editora Ática S.A. 1993. p. 15.

MORATORI, Patrick Barbosa. **Por que utilizar jogos educativos no processo de Ensino aprendizagem?** 2003. 28. Informática na Educação. Mestrado (de Informática aplicada à Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4675248/mod_resource/content/1/Por%20que%20utilizar%20Jogos%20Educativos%20no%20processo%20de%20ensino%20aprendizagem%20.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.